



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V**

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

CARLOS EDUARDO JALES DE SALES

**A GUERRA COMERCIAL ESTADOS UNIDOS-CHINA E OS IMPACTOS PARA O
BRASIL (2017-2022)**

**JOÃO PESSOA
2022**

CARLOS EDUARDO JALES DE SALES

**A GUERRA COMERCIAL ESTADOS UNIDOS-CHINA E OS IMPACTOS PARA O
BRASIL (2017-2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof^a. Dra. Giuliana Dias Vieira

**JOÃO PESSOA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S163g Sales, Carlos Eduardo Jales de.

A guerra comercial Estados Unidos-China e os impactos para o Brasil (2017-2022) [manuscrito] / Carlos Eduardo Jales de Sales. - 2022.

33 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Giuliana Dias Vieira, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Guerra comercial. 2. China. 3. Estados Unidos. 4. Brasil. 5. Impactos econômicos. I. Título

21. ed. CDD 327.73

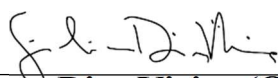
CARLOS EDUARDO JALES DE SALES

**A GUERRA COMERCIAL ESTADOS UNIDOS-CHINA E OS IMPACTOS PARA O
BRASIL (2017-2022)**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial à obtenção
do título de bacharel em Relações
Internacionais.**

Aprovado em: 28/11/2022.

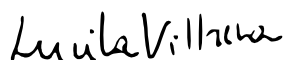
BANCA EXAMINADORA



**Giuliana Dias Vieira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**



**Anna Beatriz Leite Henriques de Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**



**Lucila Gabriella Maciel Carneiro Vilhena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)**

Dedico este trabalho a todos os meus familiares que muito me ajudaram, meus pais, irmão, avós e tios, além da minha namorada, que sempre me deu apoio em todo o processo. Dedico também à minha orientadora pelo suporte ao decorrer do trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de aqui demonstrar a minha gratidão a todos aqueles que contribuíram não somente para a conclusão deste trabalho, mas também para o caminhar de todo o curso, pois mesmo pondo a tranquilidade como um princípio fundamental para o andar das coisas, estar em dois cursos simultaneamente tem suas dificuldades e até o presente momento, tudo foi devidamente superado com excelência.

Por isso, dedico este espaço para agradecer a todos os meus familiares que sempre estiveram presentes, aos meus pais, Rômulo e Gabriela, que sempre me deram todo o suporte necessário para os meus estudos, nunca deixando faltar absolutamente nada e sempre me incentivando a buscar o que eu realmente quisesse da minha vida, ao meu irmão, Bernardo, que me fez gostar de muitas coisas suas e por isso, desde pequeno, é uma inspiração para mim, aos meus avós maternos, Carlos e Otaviana, que também sempre foram incentivadores e inspirações, ajudando até mesmo na elaboração deste trabalho, aos meus avós paternos, Gilvandro e Cidinha, que assim como toda a minha família, sempre estiverem presentes e me deram muito amor e incentivo e também a todos os meus tios.

Agradeço também a minha querida namorada, Andreza, que teve a difícil tarefa de me aguentar nos ápices das tensões, além de sempre me apoiar e dar todo o suporte que eu precisasse, ela foi fundamental para a concretização deste trabalho e do término do curso.

À minha professora orientadora, Giuliana, que deu todo o suporte necessário para que o trabalho se concretizasse e que ao decorrer do curso exerceu com maestria o seu magistério, sendo seu aluno desde o começo do curso, sendo por isso a minha escolha por sua orientação.

Contudo, gostaria de agradecer especialmente para três pessoas que aqui não mais estão, mas sempre sentirei enorme saudade, meu avô Gilvandro, meu tio João e o meu sogro Jonas, que agora são grandes incentivadores no céu.

"Deixai a China dormir, pois, quando acordar, o mundo tremerá."

Napoleão Bonaparte

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo primordial analisar quais as causas da guerra comercial entre a China e os Estados Unidos e como esse conflito repercute no Brasil. A metodologia utilizada para atender o objetivo foi a pesquisa descritiva, por meio de um estudo bibliográfico, com uma abordagem qualitativa. Observou-se, diante da guerra comercial, que a rivalidade entre China e Estados Unidos é capaz de causar mudanças no comércio internacional, principalmente no Brasil, um parceiro comercial histórico de ambos os conflitantes. Analisou-se, então, que a estratégia estadunidense partiu de uma tentativa de aquecer a produção interna do país, diminuindo conjuntamente a taxa de desemprego e que como resultado desses objetivos, teve início a guerra comercial, com imposições mútuas de tarifas entre Estados Unidos e China. Concluiu-se, a partir disso, que em meio à tensão entre os dois países, o Brasil se encontra como um parceiro dos países em guerra comercial, podendo ser extremamente favorecido em um curto prazo, devendo suprir às demandas dos estadunidenses e chineses.

Palavras-chave: Guerra comercial - China – Estados Unidos – Brasil - Impactos econômicos.

ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze what are the causes of the trade war between China and the United States and how this conflict influences Brazil. The methodology used to meet the objective was descriptive research, through a bibliographic study, with a qualitative approach. With the results presented by the trade war, it was possible to observe that the rivalry between China and the United States can cause changes in international trade, especially in Brazil, which is a historical trading partner of both conflicting parties. It was then analyzed that the US strategy started with an attempt to heat the country's domestic production, jointly reducing the unemployment rate and that because of these objectives, the trade war began, with the mutual imposition of tariffs between the United States and China. It was concluded, from this, that during the tension between the two countries, Brazil finds itself as a partner of those countries in the trade war, which can be extremely favored in the short term, meeting the demands of the Americans and Chinese.

Keywords: Trade War - China – United States – Brazil – Economic impacts

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PERSPECTIVA HISTÓRICA DA GUERRA COMERCIAL ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E CHINA	14
2.1 A PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	14
2.2 O REALISMO COMO TEORIA EXPLICATIVA DOS CONFLITOS INTERNACIONAIS	14
2.3 A ASCENSÃO CHINESA NO PÓS-GUERRA FRIA.....	17
3 ASPECTOS GERAIS DA GUERRA COMERCIAL.....	20
3.1 O INÍCIO DA GUERRA COMERCIAL.....	20
3.2 ENTÃO, O QUE É UMA GUERRA COMERCIAL?	22
4. O RELACIONAMENTO DO BRASIL COM A CHINA E COM OS ESTADOS UNIDOS	24
4.1 O RELACIONAMENTO BRASIL-CHINA.....	24
4.2 O RELACIONAMENTO DO BRASIL COM OS ESTADOS UNIDOS.....	26
4.3 OS IMPACTOS DA GUERRA COMERCIAL NO CONTEXTO BRASILEIRO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a conciliação entre países é uma tarefa muito difícil, uma vez que todos visam o benefício próprio em uma negociação. Como consequência disso, iniciam-se, muitas vezes, os conflitos, ou até mesmo guerras. Nessa perspectiva é que vem à tona a guerra comercial, sendo uma situação de disputa entre atores – no caso em questão, entre os Estados Unidos da América (EUA) e a China – que decidem adotar medidas geralmente protecionistas, como taxar importações de outros países, gerando um mal-estar nas relações entre Estados.

Diante disso, a guerra comercial entre as duas potências foi acentuada pela retórica estadunidense contra a China, a partir da candidatura de Donald Trump, em 2016 (PAUTASSO *et al.*, 2021). A tensão atingiu seu ápice em 2018, quando em julho desse mesmo ano, os EUA impuseram tarifas de US\$34 bilhões sobre importações chinesas, iniciando, a partir disso, a escalada do conflito que se pretende analisar neste trabalho.

Assim, evidenciou-se o enfraquecimento da Organização Mundial do Comércio (OMC), em um cenário no qual os Estados Unidos continuaram a impor impostos, taxando aço e alumínio chineses. Em razão disso, a China buscou o órgão de resolução de conflitos da OMC, defendendo que as medidas dos estadunidenses violavam o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), porém, as retaliações por parte do governo Trump continuaram (GROSSKLAUS, 2022), evidenciando-se, a partir de então, a incapacidade da OMC em frear a guerra comercial entre os dois países.

Além do cenário de taxações mútuas, é necessário ressaltar o caos gerado por um conflito como esse. Os impactos causados não residem tão somente nos mercados dos estadunidenses e chineses, mas afeta diretamente seus parceiros comerciais, como o Brasil, por exemplo. Estudos apontam para um cenário de curto prazo benéfico para o comércio brasileiro, por ser um parceiro de ambos os países (CARVALHO; AZEVEDO; MASSUQUETTI, 2019).

No entanto, faz-se necessário um alerta quanto aos efeitos de longo prazo do conflito, não apenas para o Brasil, mas em uma economia mundial desaquecida que pode resultar em uma crise do comércio internacional.

Diante do cenário supramencionado, propõe-se uma melhor compreensão da relação comercial EUA-China, através da análise do conflito, considerando o momento em que os dois países se colocaram em rota de colisão e os impactos causados por esse embate. No que

concerne à investigação dos impactos causados por ele, propõe-se que se leve em consideração as consequências no cenário brasileiro, analisando as diferentes perspectivas refletidas no Brasil.

Ademais, quanto à metodologia, o objetivo da pesquisa foi descritivo, tendo em vista que a característica principal de uma pesquisa desse tipo é analisar a característica de determinado fenômeno e – inclusive – estabelecer relações entre variáveis (GIL, 2008); logo, relaciona-se intrinsecamente a este estudo, que analisará as características da guerra comercial entre EUA-China e qual a relação entre a guerra e os impactos para o Brasil. Quanto à abordagem, esta pesquisa é qualitativa, tendo como foco o estudo de caso do conflito entre as potências Estados Unidos e China, e as consequências para o Brasil. Quanto ao método, a pesquisa utilizou o indutivo aplicado à pesquisa, por partir de observações gerais, analisando o caso comercial EUA-China, para a partir disso, elaborar as reflexões pertinentes. Quanto à técnica de pesquisa, para a coleta de dados foi utilizada a pesquisa bibliográfica, pois por meio de outras bibliografias e através de materiais jornalísticos da internet que foi possível embasar a teoria deste trabalho.

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar as causas da guerra comercial entre a China e os Estados Unidos e como esse conflito influencia no Brasil. Além do objetivo proposto, expõem-se os seguintes objetivos específicos: (i) analisar a perspectiva histórica da relação entre os Estados Unidos e a China; (ii) apontar os aspectos gerais da guerra comercial; (iii) entender o relacionamento do Brasil com os Estados Unidos e com a China; (iv) identificar os impactos no cenário brasileiro em decorrência da guerra comercial.

Justifica-se, ainda, que a presente pesquisa poderá contribuir para a análise de um contexto da política internacional que permeia toda a sociedade, pois uma ação de qualquer uma dessas duas grandes potências, Estados Unidos ou China, pode afetar qualquer país, seja o Brasil, ou qualquer outro do mundo. Por isso, a guerra comercial é um elemento imprescindível para que se entenda a relação entre EUA-China e ainda mais importante é analisar o impacto disso para o Brasil, diante de tantos cenários possíveis ocasionados por um conflito de tamanha dimensão. Assim, buscou-se também responder ao seguinte questionamento: **Quais são as causas da guerra comercial entre a China e os Estados Unidos e como esse conflito influencia no Brasil?**

O trabalho foi elaborado em três partes, no qual a primeira apresenta a perspectiva histórica da guerra comercial entre Estados Unidos e China, a segunda aponta os aspectos gerais da guerra comercial e a terceira, analisa o relacionamento dos Estados Unidos e China com o Brasil, além dos impactos no cenário brasileiro em decorrência à guerra comercial.

2 Perspectiva histórica da guerra comercial entre os Estados Unidos e China

O capítulo abordará a perspectiva histórica da guerra comercial, passando pelo entendimento do que é o conflito e qual é a teoria que explica guerra, além da explicação de como a China se inseriu no sistema internacional a partir da Guerra Fria. O capítulo está organizado em três partes, a primeira analisará a perspectiva histórica, a segunda explicará sobre a teoria que legitima a guerra comercial e a terceira parte demonstrará a ascensão chinesa pós-Guerra Fria.

2.1 A perspectiva histórica

A humanidade sempre foi caracterizada por momentos marcantes da história, um destes momentos foi a Guerra Fria, no século XX. Assim, o colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) constituiu, para o mundo, uma grande ruptura no sistema internacional a partir daquele momento, pois foi durante a Guerra Fria que o emblemático embate entre URSS e Estados Unidos teve o seu ápice, envolvendo uma potência capitalista e outra socialista.

A partir de então, os olhos dos estadunidenses passaram a focar na “ameaça comunista” e grande parte das tensões daquele século estavam voltados para a disseminação de regimes socialistas. Em meados da década de 70 – como consequência disso – os Estados Unidos começam a estabelecer projetos políticos a fim de enfraquecer o bloco soviético, por meio de diversos caminhos, dentre eles, o apoio aos movimentos anticomunistas ao redor do mundo e à instalação de rede de mísseis (NOZAKI; LEÃO; MARTINS, 2011), demonstrando que não se tratava de precaução, mas que era um objetivo, diante da perspectiva dos EUA, enfraquecer o comunismo da URSS e no mundo.

Diante desse cenário, é evidente que a China não estava alheia ao cenário supramencionado, surgindo, inclusive, como um possível aliado dos Estados Unidos, diante da tentativa de retomada da hegemonia estadunidense. Então, é a partir da reaproximação China-EUA, durante o governo Nixon (1969), em uma complexa aliança formada entre ambos, que a relação entre os chineses e a URSS será modificada, uma vez que o desenvolvimento econômico chinês fora financiado pelo apoio Norte-americano (NOZAKI; LEÃO; MARTINS, 2011), sendo uma estratégia perspicaz para que a legitimidade e influência dos soviéticos declinassem de vez na Ásia, como de fato, foi o que aconteceu.

2.2 O realismo como teoria explicativa dos conflitos internacionais

As guerras não são eventos isolados da história, são – na verdade – uma constante no contexto mundial, e de tempos em tempos, diversos fatores levam os Estados a entrarem em conflito entre si. Nesse sentido, percebe-se, durante o século XXI, a existência de diversas problemáticas que são causadoras de guerras, uma destas, seria a discordância comercial, levando a uma escalada de taxações mútuas e muitos outros embargos que serão discutidos ao decorrer do presente trabalho.

Assim, a guerra comercial pode ser caracterizada como um conflito, normalmente entre dois países, mas que pode envolver inúmeros e que reside, principalmente, no âmbito econômico, ainda que possa vir a afetar outras áreas de um Estado. Desse modo, ilustrando a teoria, no caso da guerra comercial entre Estados Unidos e China, uma corrente majoritária defende que os estadunidenses utilizaram do conflito com os chineses para que se beneficiassem futuramente com taxas mais baixas em produtos do interesse deles, ainda que esse aumento de tarifas para outro país seja extremamente reprovável no cenário do comércio internacional (MATTOO; STAIGER, 2019). Portanto, é típico de uma guerra comercial tal cenário de taxações mútuas, afetando economicamente um país e buscando atingir um objetivo específico.

Diante do que fora supramencionado, é necessário entender, antes de analisar o conflito em si, o porquê de Estados divergirem. A corrente clássica das Relações Internacionais, o realismo, explica com maestria a “psique” dos conflitos, sejam eles do passado ou os do presente. Defende, então, que a luta do poder e pelo poder são aspectos fundamentais para a discordância entre atores, gerando – ainda – ao detentor desse poder, uma falsa percepção de que tudo pode, o que causam atos autolegitimados, mas que não estão de acordo com os demais seres envolvidos (CASTRO, 2012).

O que é possível retirar dos princípios da teoria realista, são – então – análise das relações interestados que explicam de maneira extremamente conexa com a atualidade, uma vez que a teoria vai defender a busca pelos interesses individuais dos Estados como um dos principais objetivos, e que isso será alcançado por meio da segurança do país, visando, primordialmente, pela previsibilidade e estabilidade (CASTRO, 2012).

Ou seja, os fundamentos do realismo apresentam todo o contexto por trás da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, pois ainda que existam novas teorizações e análises contemporâneas do realismo clássico, este demonstra que além das causas aparentes,

como um suposto domínio comercial internacional, o que os países desejam, nada mais é do que estabilidade e a conquista de seus interesses individuais, sejam eles quais forem.

Além disso, um dos principais teóricos do realismo clássico, Hans Morgenthau, em sua obra “A Política Entre as Nações”, ao analisar as escolas doutrinárias, cita que uma delas defende a natureza humana como imperfeita, e o mundo é justamente o encontro de forças inerentes à natureza humana (MORGENTHAU, 2003, p.3). Portanto, percebe-se que a teoria está diretamente relacionada aos aspectos inerentes à natureza do homem, reverberando, conseqüentemente, na ação dos países, que são liderados por “seres imperfeitos”, tal qual o teórico supramencionado disserta.

Outrossim, é importante entender que Morgenthau vai muito além dessa visão aqui explicada anteriormente, dentre diversos princípios que o autor diz conduzir a atitude dos Estados, um deles, que desmiuça muito bem aquilo que ocorre na guerra comercial, é o quinto princípio, no qual ele cita: “Todas as nações são tentadas a vestir suas próprias aspirações e ações particulares com a roupagem dos fins morais do universo - e poucas foram capazes de resistir à tentação por muito tempo.” (MORGENTHAU, 2003, p.21).

A perspectiva da disputa entre as potências hegemônicas e até mesmo daqueles países que querem entrar no “cenário dos gigantes”, nada mais é do que a tentativa de alcançar suas finalidades, de – por meio das relações com os outros atores – chegar ao seu objetivo, que raras são as vezes no qual é um bem comum, sendo, na verdade, algo que agrada a todos. Percebe-se, claramente, que o pensamento de Morgenthau (2003) permanece contemporâneo quando se trata das aspirações dos *hegemon*s, ou seja, as ações particulares são, de fato, o que tentam em negociações, tal qual o caso da guerra comercial se assemelha.

Por outro lado, a teoria realista foi defendida há tempos, exigindo no presente uma teoria que se adeque às mudanças do sistema internacional e às novas demandas existentes nas tensões entre Estados de um mundo globalizado e com diferentes nuances em relação aos tempos passados.

O neorealismo, por exemplo, apresenta uma perspectiva contemporânea, sendo mais atual do que o próprio realismo. Existe, portanto, um dilema da segurança que cria uma sensação de incerteza e acirramento de tensões em âmbito internacional, o que constituirá o sistema anárquico e a disputa pelo poder entre os países (PORTO, 2020), configurando um cenário semelhante à guerra comercial entre Estados Unidos e China.

2.3 A ascensão chinesa no pós-Guerra Fria

Desse modo, com o apoio estadunidense em prol da China, a ascensão dos chineses é bastante significativa após a Guerra Fria, começando, a partir de então, a ser uma possível ameaça para a hegemonia que tanto demorou para os Estados Unidos retomarem ao decorrer do século XX (DE ALMEIDA SANTOS, 2022)

De acordo com Feddersen (2017), o fim do conflito tem como marco – no Leste Asiático – os “Protestos da Praça de Tiananmen”, no qual estudantes exigiram reformas no Partido Comunista Chinês, ocasionando a morte de muitos dos protestantes, devido à repressão do governo. Em seguida, os Estados Unidos decidiram sancionar embargos contra os chineses, visando a proteção internacional dos direitos humanos e do direito ao protesto que teriam os cidadãos da China.

Como consequência disso, o governo chinês percebeu a ineficácia de seu posicionamento no cenário externo, necessitando, a partir disso, de uma reformulação de sua política externa e de uma completa reestruturação de Estado, começando por uma nova política de desenvolvimento econômico e um desenvolvimento interno maior.

Isso levou, então, ao distanciamento da Ásia às diretrizes ocidentais, com a notória ascensão do “dragão chinês” (HUNTINGTON apud FEDDERSEN, 2017, p.4), culminando em uma posição chinesa que é o início do processo que torna a China o que ela é hoje, uma potência em crescimento desenfreado.

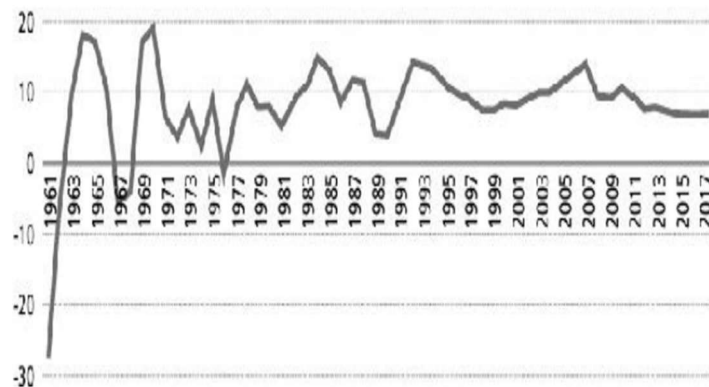
Com isso, como dito anteriormente, figura-se internacionalmente um outro grande ator que irá pôr em xeque a hegemonia estadunidense, sendo a poderosa China, após o fim da União Soviética, o novo grande adversário.

Todavia, vale salientar que o surgimento de uma possível potência chinesa não surge de maneira misteriosa, após diversos acontecimentos, como o caso dos protestos no Leste Asiático, proporcionou uma autorreflexão governamental para que o país reformulasse suas políticas internas/externas, visando essa inserção internacional, a partir dali o Estado começa a investir arduamente em estratégias que alavancarão o poderio econômico e até de barganha do país.

Tal ascensão fica perceptível ao serem analisados os números de crescimento econômico chinês, no período de 1980 a 2019 - ou seja - exatamente do pós-Guerra Fria até o país entrar em guerra comercial, a média do crescimento do PIB real foi de 9,2% a.a, significando que o

país cresceu, incrivelmente, de forma ininterrupta, durante quatro décadas (JABBOUR, 2021). Além disso, Jabbour (2021) enfatiza a estratégia dos asiáticos, que a partir de 1997 estabelecem uma estratégia de: taxa de câmbio estável, liberalização comercial gradual, crescimento da produtividade do trabalho e aumento da capacidade produtiva, o que fez a inflação no país ser reduzida.

Figura 1 – Crescimento do PIB real, em % (China, 1960-2017)



Fonte: Elaboração própria, com dados do Banco Mundial^[2].

Fonte: Jabbour e Gabriele (2021)

Dessa maneira, as estratégias chinesas têm grande resultado na atualidade, sendo fruto de um planejamento a longo prazo, que continuam a reverberar em diversos acontecimentos contemporâneos, mas que a análise dos acontecimentos históricos ao decorrer do século XX, pode ser observada uma grande “virada de chave” chinesa, que vai ocasionar, ao término da Guerra Fria, em uma quebra de paradigmas, pois uma potência que pensava estar novamente como líder do sistema internacional, passa a novamente se preocupar com um novo “inimigo”, ameaçando a política do *America First*.

Vale ressaltar, ainda, que o planejamento chinês para entrar de vez no mundo globalizado partiu por diversos pontos. A partir da liderança de Xi Jinping (2013), o país começa a observar novas perspectivas de inserção internacional, um deles é a crescente atuação no G20, por exemplo, atuando também ativamente em diversos casos relacionados ao Fundo Monetário Internacional (FMI) Pautasso *et al.*, (2021).

Ademais, não só esse crescimento na governança chinesa internacionalmente fora um aspecto mudado na estratégia de Xi Jinping, mas a grande virada de chave vem a ser a constituição da Nova Rota da Seda, pois, de acordo com Pautasso *et al.*, (2021, p.6):

A iniciativa de Beijing representa a etapa regional do projeto chinês de globalização e, com efeito, tensiona com a primazia global estadunidense. A BRI é um evidente transbordamento do desenvolvimento da China e cumpre diversos objetivos articulados: 1) cria demanda para a supercapacidade ociosa da indústria nacional; 2) amplia a segurança em recursos naturais, energéticos e alimentares; 3) impulsiona a internacionalização das empresas chinesas e a exportação de serviços (de engenharia, especialmente); 4) fortalece o comércio regional e o papel gravitacional da China na recriação do sistema sinocêntrico; 5) contribui para securitizar a partir do desenvolvimento e da integração regionais; 6) e fomenta a conversibilidade do renmimbi (RMB), tornando a moeda chinesa reserva de valor e meio de comércio corrente.

Ou seja, a iniciativa da Nova Rota de Seda foi essencial para que a China expandisse o seu projeto em busca de uma maior globalização, não limitando as suas ações e objetivos apenas à Ásia, mas alcançando todo o cenário mundial a partir das novas estratégias para sua entrada e competitividade em âmbito global.

Ademais, o plano chinês obteve êxito em seu objetivo, por meio de uma imposição chinesa na competição entre países no contexto empresarial, pois é a partir desse projeto que os chineses começam a ocupar maiores espaços e influenciar processos decisórios, elevando a China ao patamar de reconfigurar o sistema internacional, por meio de seu papel ativo nesse meio (PAUTASSO *et al.*, 2021).

Então, o desenvolvimento dos chineses passa a ser uma das principais políticas, ao decorrer do século XX e no século XXI, tanto pelas iniciativas de globalização, como também por diversos processos. Estes, que são: maior participação no comércio global, com uma expansão dos fluxos comerciais, além de uma mudança de pauta no comércio exterior, consolidando-se como um grande produtor de tecnológicos, como se evidencia atualmente nas fabricações dos mais variados produtos de ponta da tecnologia e, por último, por meio do redirecionamento de fluxos comerciais (PAUTASSO *et al.*, 2021), tanto por influência da guerra comercial, como também pela estratégia da política desenvolvimentista chinesa, buscando – cada vez mais – a parceria das nações asiáticas como fornecedoras na produção de bens exportados.

Destarte, a complexidade de entendimento do sistema internacional pós-Guerra Fria é imensa, mas perceptivelmente, os Estados Unidos sempre figuraram como um dos gigantes nas relações internacionais. Portanto, é por meio dessa análise da perspectiva histórica, que se torna possível um maior entendimento da relação entre os Estados Unidos e a China, sendo os períodos anteriores e posteriores da tensão bipolar o período fundamental para o entendimento

da guerra comercial, pois é com a derrocada da URSS que os chineses figurarão como *players* nesse xadrez internacional e passarão a impor suas estratégias desenvolvimentistas.

3 Aspectos gerais da guerra comercial

Este tópico analisará os aspectos gerais da guerra comercial, entendendo como se deu o início e como ocorreu a escalada da tensão, além de entender também a conceituação de guerra comercial. Está organizado em duas partes: a primeira analisará o início da guerra comercial e a segunda, o entendimento do conceito de guerra comercial.

3.1 O início da guerra comercial

Após todo o contexto ocorrido anos antes da guerra comercial em si, o embate concreto tem o seu início em 2018, quando o então Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anuncia pela primeira vez que irá cobrar tarifas sobre produtos da China ¹. Em meio à política de pôr “a América em primeiro lugar” do então presidente estadunidense, as medidas protecionistas tiveram forte impacto tanto na divulgação da sua campanha para a presidência, como posteriormente, quando Trump efetivamente impõe restrições tarifárias aos chineses.

Com isso, inicia-se a guerra comercial entre China e Estados Unidos, caracterizando-se como um dos grandes conflitos do século XXI. Em seguida ao anúncio de 2018, o ex-presidente Trump cumpriu suas promessas de campanha e em julho desse mesmo ano, impôs 25% de taxaço em cerca de U\$34 bilhões em importações advindas da China. Como resultado dessa prática comercial, o Ministro do Comércio Chinês denomina a ação estadunidense como uma espécie de “bullying comercial”, referindo-se aos EUA como egoístas e que defendem tão somente seus próprios interesses².

Consequentemente, veio a retaliação chinesa, impondo igualmente as mesmas taxaço de 25% sobre diversos produtos advindos dos EUA, pois – de acordo com o supramencionado Ministro do Comércio – os chineses se viram diante de uma situação em que a única saída seria essa resposta no mesmo “tom”.

Diante disso, o conflito começa a cada vez mais adquirir novos ares de tensão, pois no mês seguinte ao início das taxaço mútuas, os Estados Unidos, em agosto, novamente

¹ TREVIZAN, Karina. **Guerra comercial: entenda as tensões entre China e EUA e as incertezas para a economia mundial**, 16/08/2019. Disponível em: [Guerra comercial: entenda as tensões entre China e EUA e as incertezas para a economia mundial | Economia | G1 \(globo.com\)](https://g1.globo.com/economia/brasil/noticia/2019/08/16/guerra-comercial-entenda-as-tensoes-entre-china-e-eua-e-as-incertezas-para-a-economia-mundial-g1.globo.com)

² LYNCH, David; PAQUETTE Danielle; RAUHALA Emily. **U.S. levies tariffs on \$34 billion worth of Chinese imports**, 06/07/2018. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/trumps-trade-war-with-china-is-finally-here--and-it-wont-be-pretty/2018/07/05/0e43048c-802c-11e8-b9f0-61b08cdd0ea1_story.html

impuseram 25% sobre U\$16 bilhões de produtos chineses (LYNCH, *et al.*, 2018). Ou seja, em 2018, nos meses posteriores a julho, o caminho percorrido pelos dois países foi o mesmo, um taxando e o outro respondendo na mesma moeda, ficando evidente que as duas potências se dispuseram a elevar a tensão desse embate cada vez mais.

No dia 2 de dezembro de 2018 os dois conflitantes chegam, pela primeira vez em meses a um acordo temporário após uma reunião do G20, visando a redução dessa aflição comercial. No ano seguinte, começa a se pensar na possibilidade de um acordo entre China e Estados Unidos, mas as negociações são interrompidas por Donald Trump e os dois países retornam à mútua taxação.

Desse modo, apenas em 2020 que se retornam negociações visando a descontinuidade de taxações, entrando em uma primeira fase de acordo (WONG; KOTY, 2018). Apesar da continuidade da guerra comercial, em março de 2020, com o começo da pandemia da COVID-19, os Estados Unidos retiram tarifas de produtos relacionados à área da saúde, tendo em vista a necessidade global de combate ao vírus.

A partir da pandemia e da saída de Donald Trump, a situação se encontrou em um ponto de indefinição, percebendo-se diversas questões envolvidas a partir de então, como o enfraquecimento da Organização Mundial do Comércio e a dúvida quanto ao “vencedor temporário” desse conflito.

Assim, além da guerra comercial, a política de Trump contra o multilateralismo proporcionou esse declínio ao órgão, este, que ao decorrer do conflito, não foi capaz de conciliar a situação entre os países. Enquanto os Estados Unidos ignoraram diversos princípios básicos, como a cláusula do tratamento nacional, que possibilita uma igualdade na relação entre Estados quanto às trocas comerciais, além de não aplicarem – ainda – a cláusula da nação mais favorecida, o que significa ceder uma vantagem dada para um país, para todos os outros integrantes da organização.

Então, tal contexto no qual ocorre a fragilização da OMC passa também pela resistência do passado estadunidense em recusar a entrada chinesa à organização, o que seria um ponto fundamental para a política da China, buscando-se a inserção como membro da comunidade internacional, sendo a aceitação de sua entrada vista como um “teste da disposição ocidental” (TARGINO, 2021). Com isso, toda a tensão envolvendo a resistência para aceitar os chineses no órgão, aliado à guerra comercial, gerou um estado inerte da OMC em um conflito mundialmente

impactante, surgindo a partir de então o questionamento quanto à capacidade regulatória e capaz de manter as relações pacíficas.

Dentro da Organização Mundial do Comércio, por exemplo, a China e os Estados Unidos há tempos entram em conflito, o característico caso do contencioso DS543 é o que trata sobre as tarifas da guerra comercial. Contudo, desde 2018 os chineses reclamam à OMC que os estadunidenses utilizam abusivamente das proteções tarifárias, enquanto os Estados Unidos também constata suas insatisfações acerca das práticas comerciais chinesas³.

Fica perceptível, diante do referido contexto, essa necessidade de reforma do órgão, por meio da reunião dos líderes de Estado, além do diretor da OMC, estabelecendo novas diretrizes, a fim de estimular todos os países a se adequarem às medidas que estabeleçam o bem-estar e harmonia internacional. O ex-diretor, Roberto Azevêdo, havia se comprometido com a reformulação, ao citar que “para a OMC cumprir e desempenhar seu papel na economia global de hoje, ela precisa ser atualizada”.⁴

Portanto, ações mais incisivas por parte dos órgãos de solução de controvérsias devem estar presentes em um plano que reformule a maneira de regular os conflitos interestatais, partindo dos Estados-membros a iniciativa de se comprometerem às medidas acordadas, diferentemente do que existe hoje, em que a China não cumpre as promessas de se adequar às práticas comerciais mundiais e nem os Estados Unidos seguem as medidas regulatórias dos órgãos da OMC.

3.2 Então, o que é uma guerra comercial?

A guerra comercial é um conceito que passou a ser estudado recentemente, apesar de o mundo ter enfrentado grandes casos ao longo da história, no qual países impuseram restrições comerciais e tarifárias a outro país, tal qual o caso dos Estados Unidos contra a China.

Diante dessa ideia, é importante observar a definição de “guerra” consoante o historiador Norberto Bobbio (1998, p. 571), em seu livro “Dicionário de Política”, que ao divagar sobre a conceituação do termo, demonstra as outras espécies de guerras e não somente o conflito armado, como se tem no imaginário popular:

³ OMC sem órgão de apelação: cenários e opções para o setor privado / Confederação Nacional da Indústria. – Brasília: CNI, 2020. Disponível em: static.portaldaindustria.com.br/media/filer_public/31/5f/315fc8e2-efd1-4e5d-9703-4febca1ced5e/omc_sem_orgao_de_apelacao.pdf. Acesso em: 05/12/2022

⁴ REUTERS. Trump e diretor da OMC dizem que discutirão mudanças. jan. 2020. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/businessNews/idBRKBN1ZL1HS-OBRSB>. Acesso em: 05/12/2022

A tradição doutrinária tem insistido muito sobre o fato de que a violência se expressa na Guerra por meio da “força armada”. Isto reduziu bastante os casos que podemos configurar como Guerra; mas, mesmo assim, se se ganhou em matéria de precisão, perdeu-se um pouco o contato com a realidade do nosso tempo. Hoje, a “força” não se expressa mais (nem é mais assim concebida) apenas em termos militares, mas em termos econômicos, psicológicos, e de outros tipos. Conforme, porém, o direito bélico, suas normas são hoje aplicáveis somente ao fenômeno da Guerra entendida como contato violento mediante a força armada. Todos os outros tipos de Guerra (Guerra psicológica ou Guerra fria, Guerra econômica etc.), que têm tanta influência sobre as relações internacionais atuais, fogem a esta norma específica.

Bobbio, portanto, em uma obra de 1998, descreve de forma impescindível e concisa acerca do termo “Guerra”. O autor expõe, fundamentalmente, dois pontos sobre a definição, mostrando que o conceito é amplo e tem uma ampla perspectiva sobre o que de fato é uma guerra, e ainda demonstra que existem outras formas de uma guerra acontecer.

Fica evidente que há uma linha tênue entre a guerra e a paz, diferenciando-se, para o autor, apenas por existir ou não a tentativa de alcançar um objetivo. Além disso, as perspectivas atuais sobre os conflitos diferenciam-se totalmente àquelas do passado, de modo que cotidianamente as relações internacionais são regidas por conflitos, mas não mais por meio da força armada.

Tal situação é que regerá o contexto da guerra comercial, sendo justamente a união da tentativa de dominar o mercado internacional, mas sem usar a antiga e famosa força bélica, pois não seria viável para nenhum dos lados envolvidos no conflito.

Por meio de seu conceito, o autor evidencia que os acontecimentos das mais diversas modalidades de guerra estão presentes há tempos na sociedade e que para um povo estar em paz ou em situação de guerra, basta um desentendimento de entidades “distintas, mas semelhantes”, assim como é a guerra comercial.

Ainda mais importante, é a relação feita pelo autor entre a guerra e a sua expressão pela violência, pela força armada, defendendo, duas décadas antes da guerra comercial entre Estados Unidos e China, que a guerra econômica ou até mesmo uma guerra psicológica, terão similares impactos sobre o sistema internacional, tanto quanto a conhecida espécie de guerra.

Portanto, semelhante situação acontece no presente, caracterizando-se a guerra comercial não pelo conflito armado, mas por consequentes embargos econômicos e taxações a produtos originários de determinado país, sendo – por isso – um conflito substancialmente econômico e o que representa a problemática entre Estados Unidos e China.

4. O relacionamento do Brasil com a China e com os Estados Unidos

Esta seção demonstra como se deu o relacionamento histórico entre Brasil-China e Brasil-Estados Unidos, bem como apontando os impactos da guerra comercial no cenário brasileiro. Está organizado em três partes, a primeira analisará o relacionamento brasileiro com a China e a segunda, o relacionamento do Brasil com os Estados Unidos, enquanto a terceira parte são as consequências da guerra comercial no cenário brasileiro.

4.1 O relacionamento Brasil-China

O Brasil e a China na atual configuração das relações internacionais se encontram como parceiros comerciais. Todavia, apenas há cerca de 40 anos as relações diplomáticas foram novamente estabelecidas entre os dois países, em um cenário pós-Guerra Fria e após a transformação do regime militar em democracia no Brasil (OLIVEIRA, 2004).

Assim, no projeto de expansão de ambos os Estados, cada um procurou estabelecer uma parceria que possibilitasse o ganho mútuo, no qual as nações saíam com vantagens. Logo, para o Brasil, a importância da aliança chinesa residia em dois principais pontos, o primeiro, no tamanho da Ásia, sendo de uma demanda intensiva por investimentos e como consequência, um acesso às tecnologias mais recentes, o segundo ponto, seria a alta capacidade de consumo do mercado chinês (OLIVEIRA, 2004).

Os chineses, por outro lado, enxergavam a parceria brasileira como uma importante fonte de matérias primas (OLIVEIRA, 2004). Ou seja, enquanto o objetivo asiático era suprir a baixa produtividade de matéria-prima, algo excessivo no Brasil e que os brasileiros também demandavam por uma troca na qual receberiam mais manufaturados, sendo possível o benefício mútuo e a alavancagem nos setores de interesse de cada Estado.

Então, após essa breve contextualização, vale ressaltar que a China, há tempos, vem sendo o principal parceiro comercial do Brasil, dentro do contexto latino-americano. De acordo com o Ministério da Economia, em 2022, os chineses possuíam uma taxa de 31,28% de participação nas exportações brasileiras, assim como as importações constam uma taxa de 21,72%, o que põe os asiáticos em primeiro lugar dentre os mais diversos parceiros comerciais brasileiros. Em seguida, os Estados Unidos figuram em segundo lugar, tanto em exportações, como em importações, obtendo 11,09% e 17,95%, respectivamente.

Desse modo, é inegável que tanto a China como os Estados Unidos são de suma importância para o Brasil, mas é possível observar que até mesmo nessa análise comercial, os

chineses conseguem figurar em primeiro lugar, demonstrando um possível enfraquecimento estadunidense que se reverbera não somente nos dados econômicos, mas por meio das parcerias comerciais firmadas e o predomínio de um em relação ao outro.

Não somente a necessidade de matéria-prima ou manufaturados tornam a relação sino-brasileira proveitosa, mas também o semelhante plano político, tendo em vista o contexto de potências emergentes em que se encontram, além da cooperação multilateral em diversos órgãos, como a OMC e ainda a cooperação por meio dos BRICS (MORENO, 2015) são aspectos que elevam a aliança a outro patamar.

Além disso, a parceria sino-brasileira é caracteristicamente Sul-Sul, o que representa uma possível ameaça aos Estados Unidos. Dentro do contexto cooperativo, o “Sul Global” representa a união dos países que historicamente são considerados de “Terceiro Mundo”, com marcas de um passado colonial, mas que buscam superar o subdesenvolvimento e estar frente a frente com aqueles considerados de “Primeiro Mundo” (DA SILVA, 2020).

Então, apesar de geograficamente diversos países não estarem no “Sul”, o termo Sul Global é representado pela ideologia de pôr os países em desenvolvimento na condição de hegemônicos e poderem estar frente a frente com as disposições dos países desenvolvidos. Portanto, além dessa questão, o contexto entre China, Estados Unidos e Brasil, alimenta-se ainda mais da teoria do “Realismo Periférico”, no qual irá propor que diferentemente do Neorrealismo, que propõe a anarquia do sistema internacional, este - na verdade - é composto por um sistema hierárquico imperfeito e incipiente (ESCUDE, 2015).

Diante do exposto, é perceptível que o contexto por trás da relação sino-brasileira, há uma explicação para não serem, à toa, o principal parceiro comercial do Brasil, mas representa uma “união anti-hegemônica”, sendo esse o motivo da preocupação estadunidense com a China no cenário internacional (ESCUDE, 2015).

Outrossim, é necessário avaliar que os benefícios mútuos ocorrem, pois como visto anteriormente, há uma sinergia entre o que a China precisa, e o Brasil fornece e vice-versa. Contudo, desde 1993, com o governo de Itamar Franco (1992), a parceria asiática era um dos principais objetivos, buscando três aspectos fundamentais: a cooperação científica, a tecnológica e a exportação de produtos industriais (OLIVEIRA, 2004). O que ocorre, há tempos, é - na verdade - a predominância de uma exportação de *commodities*, indo de contraponto ao objetivo

brasileiro de expandir seu comércio, limitando-se aos produtos primários (BRITO; GONÇALVES, 2010).

Portanto, quanto à parceria entre China e Brasil, conclui-se que ambos saem com benefícios, mas que para os brasileiros, a relação poderia ser mais bem explorada. Em um contexto de guerra comercial, a produção da soja seria aumentada, pois os Estados Unidos, principal exportador mundial de soja, seriam afetados com uma redução de sua produção devido à guerra e como consequência desses acontecimentos, o Brasil teria uma valorização nos preços das commodities e um aumento no bem-estar (CARVALHO; AZEVEDO; MASSUQUETTI, 2019).

4.2 O relacionamento do Brasil com os Estados Unidos

Os Estados Unidos são um dos países mais importantes do sistema internacional, sendo também uma das nações mais influentes do mundo, logo, qualquer situação em território estadunidense, refletirá em consequências aos outros Estados. Ainda mais importante é para um país como o Brasil, obter uma aliança efetiva com um dos maiores *players* globais. Contudo, há tempos que determinados governos tentaram reduzir essa independência, visando a inserção brasileira como uma potência no mundo.

Essa independência, então, vem de um período recente da política brasileira, pois é apenas com o governo Lula (2003) que fica evidente a estratégia da política externa de não mais depender dos Estados Unidos, distanciando-se da necessidade econômica de tempos anteriores, buscando a defesa da soberania e dos interesses nacionais, o que leva o Brasil a assumir um protagonismo latino-americano, por meio da integração dessa mesma América Latina (SILVA; SPOHR, 2015).

Além disso, o Brasil se beneficiou diretamente da recessão estadunidense dos anos 2000, em um contexto ainda melhor para a nação brasileira, em que o mundo se abria para o contexto do multilateralismo, os brasileiros surgem como um grande negociador dentro de espaços como o Mercado Comum do Sul, o Mercosul, que revoluciona a integração na América do Sul, com o Tratado Norte-americano de Livre Comércio, o NAFTA, a Área de Livre Comércio das Américas – ALCA (MILANI, 2011). Então, a partir desse distanciamento intencionalmente provocado pelo Brasil, diante de tantas possibilidades de integração e do diálogo internacional dos brasileiros como um dos principais mediadores, eleva o patamar do país naquele período.

Desse modo, é assim que se caracteriza a relação entre os Estados Unidos e o Brasil, em um primeiro plano, uma “amizade pragmática”, mas que ao avançar dos tempos, como analisado anteriormente, no governo Lula os brasileiros buscam se distanciar e entrar de vez como uma potência independente.

No entanto, necessita-se observar que esse distanciamento estadunidense, possibilitou ainda, uma maior aproximação dos países emergentes, tanto é que em 2006 o BRICS é formado, constituído primariamente por Brasil, Rússia, Índia e China, e em 2011 entra a África do Sul, tornando a aliança de emergentes uma possível preocupação para os Estados Unidos, pois “inimigos”, como a Rússia e a China, começam a estabelecer relações com um importante parceiro estadunidense, os brasileiros.

Por meio dessa perspectiva histórica, é possível traçar brevemente como foram as relações Brasil-Estados Unidos no início do século XXI. Contudo, o que é de extrema importância para a contextualização da guerra comercial, é – na verdade – o período de 2019 e os anos seguintes, no qual o conflito teve o começo e o seu “desenvolvimento”.

Com isso, o governo vigente na época em que a guerra comercial teve o seu início, foi o governo Bolsonaro (2019), mudando completamente o direcionamento da política externa, em comparação aos governos anteriores. A formulação da política externa é composta por uma série de elementos que irão demonstrar, indiretamente, os diferentes interesses constituintes do tecido social, expressando não somente o alcance de um desenvolvimento econômico, mas também o desenvolvimento social e cultural (GONÇALVES; TEIXEIRA, 2020).

Então, o plano da política externa elaborado pelo governo Bolsonaro, desvirtuou-se completamente da anterior busca por independência e dos objetivos de desenvolvimento do país por meio das relações exteriores, valendo lembrar os preceitos expostos na Constituição Federal de 1988, no artigo 4º, no qual – dentro de diversos princípios - se prega a independência nacional, a autodeterminação dos povos e a não intervenção, demonstrando que até mesmo na legislação brasileira, há a necessidade de pôr o Brasil em primeiro plano, tanto em contexto interno, mas principalmente em suas relações com outros países.

É a partir desse plano governamental que o Brasil aproxima a suas relações com os Estados Unidos, justamente quando as tensões referentes à guerra comercial também têm o seu início. Logo, dois chefes de Estado que são extremamente semelhantes se unem, Donald Trump e Jair Bolsonaro, contudo – um tem uma potência hegemônica em mãos, outro, tem uma

potência emergente – o que torna uma necessidade para o Estado certa independência, para que possa ditar suas próprias ações internacionalmente.

Quanto à reorientação dessa política externa brasileira e o alinhamento brasileiro aos interesses estadunidenses, Vidigal (2019) disserta sobre, citando que:

Quanto ao posicionamento do governo Bolsonaro em relação à China, cabe lembrar que nenhum dos governos ou presidentes anteriores havia colocado em dúvida a importância do país asiático na política externa do país. Ao visitar Taiwan, Bolsonaro colocava em questão o reconhecimento de “uma só China”, como já visto, e trazia para o diálogo com Pequim uma insegurança até então ausente. Por que razão Bolsonaro apresentava uma série de reticências, quando não fazia críticas abertas à China, se governos assumidamente liberais – Collor, Fernando Henrique Cardoso e Michel Temer – fomentaram as relações bilaterais em suas diversas dimensões?

Portanto, percebe-se que historicamente o Brasil sempre se dispôs ao diálogo, principalmente com países emergentes como a China, mas a partir dessa aproximação Trump-Bolsonaro, o diálogo com um dos mais importantes membros do BRICS começa a se fragilizar, tornando-se um ponto preocupante para o Brasil, que estava no meio de uma relação conflituosa entre os Estados Unidos e os chineses.

Mais preocupante ainda é a definição desse interesse de governo, pois é de costume governamental procurar não o benefício próprio, mas àquilo que melhor atende o futuro do Estado. Explica-se, assim, a mudança repentina da política externa brasileira, a partir desses novos interesses, os quais se diferenciaram substancialmente da linha das políticas externas anteriores (VIDIGAL, 2019).

A partir de todo esse contexto é que será possível, por fim, entender os impactos para o Brasil diante desse conflito comercial, tendo em vista o papel que o Estado brasileiro tem em meio a esse contexto, sendo – historicamente – um parceiro de ambos os países.

4.3 Os impactos da guerra comercial no contexto brasileiro

É fato que o Brasil, desde seu passado, tem um bom relacionamento tanto com os Estados Unidos, como também com a China, sendo uma potência emergente que dialoga com todos os atores internacionais, buscando a diversificação de parcerias (OLIVEIRA, 2004). Contudo, no contexto da guerra comercial, o direcionamento da política externa brasileira teve uma brusca mudança, devendo ser observado a partir desse ponto, qual será o impacto disso para o cenário interno brasileiro e como isso impactará externamente o país.

Então, como o Brasil é um elemento fundamental para os BRICS, assim como constitui uma parceria importante com os Estados Unidos, ainda com a guerra comercial, não é de interesse de nenhum dos dois países conflitantes entrarem também em desacordo com o Estado brasileiro, uma vez que caso necessitem de determinados produtos para importação, poderão recorrer ao Brasil para suprir a demanda faltante.

Com isso, é necessário visualizar que a produção brasileira de elementos específicos como a soja, o aço e alumínio, foram produtos taxados mutuamente entre Estados Unidos e China, o que significa que em um cenário no qual o Brasil é produtor, haverá um consequente benefício na produção desses elementos (CARVALHO; AZEVEDO; MASSUQUETTI, 2019).

Com a retaliação chinesa após a ofensiva estadunidense, de fato, os setores brasileiros supramencionados foram beneficiados, especialmente a soja, que tem uma alta demanda chinesa, estabelecendo-se um cenário positivo para o Brasil, tanto em termos de trocas comerciais, como também no bem-estar do país (CARVALHO; AZEVEDO; MASSUQUETTI, 2019).

Portanto, o resultado da tensão comercial seria, no curto prazo, benéfico para certos setores, como o da soja (CARVALHO; AZEVEDO; MASSUQUETTI, 2019). Contudo, isso se deve ao fato de os Estados Unidos serem os principais exportadores do mundo do produto, o que proporcionaria esse ganho brasileiro. Assim, a valorização das *commodities* e o ganho no bem-estar social brasileiro, no curto prazo seria extremamente benéfico ao Brasil, saindo beneficiado desse conflito entre dois históricos parceiros.

No entanto, vale ressaltar que apesar de existir um cenário de ganhos brasileiros, a economia não gira apenas em torno de três elementos, mas as consequentes taxações excessivas advindas do conflito, levaria a economia mundial ao colapso com o tempo, o que acarretaria um contexto global de desaquecimento econômico, em que todos perderiam.

Logo, a necessidade de uma avaliação global faz-se necessária, mas é possível observar que diante de um cenário de curto prazo e sem a extensão por longo período dessa guerra, seria algo benéfico para o Brasil, uma vez que o país exporta tanto para a China, como para os Estados Unidos, sendo uma economia que produz diversos produtos primários que irão suprir a demanda dos países, tal qual a necessidade de soja dos chineses. Importante evidenciar o papel brasileiro como um dos protagonistas da produção de soja mundial, correspondendo a um dos

três principais importadores mundiais, de acordo com os dados disponibilizados pela Companhia Nacional de Abastecimento⁵.

Ademais, o Brasil exporta US\$ 1 bilhão em uma lista de 34 produtos brasileiros que estão envolvidos na guerra comercial. Com o avançar da guerra, o país poderá chegar a possíveis US\$ 3 bilhões a depender dos rumos que o conflito terminar, reiterando ainda mais como é benéfico ao contexto brasileiro, ainda que mundialmente seja desastroso, pois nem todos os Estados terão produtos que suprirão a demanda dos conflitantes, o que gerará como consequência uma economia desaquecida.

⁵ Safra 2022/23: Produção de grãos pode chegar a 308 milhões de t impulsionada pela boa rentabilidade de milho, soja e algodão. Companhia Nacional de Abastecimento, 2022. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/ultimas-noticias/4731-safra-2022-23-producao-de-graos-pode-chegar-a-308-milhoes-de-toneladas-impulsionada-pela-boa-rentabilidade-de-milho-soja-e-algodao>. Acesso em: 23/11/2022

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo analisar as causas da guerra comercial entre a China e os Estados Unidos e como esse conflito influencia no Brasil.

Com a finalidade de atender ao objetivo proposto nesta pesquisa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de diversos artigos, obtendo as mais diversas perspectivas acerca das causas do conflito e como impacta no Brasil.

Referente à perspectiva histórica da relação sino-americana, concluiu-se que os dois países apresentam um histórico belicoso, no qual os Estados Unidos sempre estiveram presentes como uma grande potência mundial, mas nos últimos anos, a China começou a ser uma ameaça iminente de um país que pode superar os estadunidenses, sendo essa ultrapassagem – além da guerra comercial – um ponto crucial para entender a relação entre os dois Estados.

Além disso, a guerra comercial começa a partir de uma retórica do ex-presidente Trump, visando justamente o declínio dessa ameaça chinesa como uma potência hegemônica. Então, em uma tentativa de proteger o mercado interno e adquirir produtos advindos da China por um menor preço, começam diversas taxações, com uma resposta chinesa à altura, tendo início – a partir disso – o conflito, com a observação de um benefício, no longo prazo, para os Estados Unidos, de fomentar a indústria nacional por meio da compra de produtos produzidos no país e aumentar a criação de empregos, apresentando um aumento significativo após a guerra comercial.

Quanto ao Brasil em meio à guerra, foi possível perceber que o país sempre teve uma boa relação com os dois Estados conflitantes, enquadrando-se como um parceiro comercial tanto da China, como dos Estados Unidos, mas ficando evidente que desde 2019, a postura da política externa brasileira é de apoio aos estadunidenses, apoiando-se na retórica do ex-presidente Trump contra os chineses, o que é maléfico para o país, uma vez que a China é, historicamente, um aliado do Brasil.

Por conta disso, a tensão entre os países configurou um cenário no qual o mercado brasileiro saiu beneficiado, tendo em vista a maior produção de determinados produtos que o Brasil fabrica, além do aquecimento da economia, internamente e internacionalmente.

Então, a pesquisa partiu da hipótese de que a guerra comercial surtiria efeitos no cenário brasileiro, positivos ou negativos, por conta da parceria com ambos os países envolvidos no

conflito. Ao decorrer da pesquisa, constatou-se que – de fato – houve impacto positivo para o Brasil em curto prazo, por conta da maior produção no Brasil de determinados produtos e pela consequente maior exportação, mas também fora observado um impacto negativo no longo prazo, ao culminar em um desaquecimento econômico global, afetando posteriormente o Brasil.

Destarte, ficou evidente que existem poucas pesquisas que dissertem acerca do impacto da guerra comercial no contexto brasileiro, o que – inevitavelmente – levou a poucos dados referentes a isso.

Sugere-se, portanto, a ampliação de pesquisas que dissertem sobre o Brasil dentro da guerra comercial, em busca de identificar não somente os fatores econômicos que acometeram o país diante da questão, mas também o que mudou no cenário político para que tudo esteja como é no atual momento.

REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto et al. Dicionário de Política. vol. 1. **Brasília: Editora Universidade de Brasília**, v. 674, 1998.

Bown, C.P. e Kolb, M. 2020. **Trump's trade war timeline: an up-to-date guide**. Washington: Peterson Institute for International Economics.

CARVALHO, F. P.; AZEVEDO, André FZ; MASSUQUETTI, Angélica. O Brasil no contexto da guerra comercial entre EUA e China. **Disponível:< [https://www. anpec. org. br/sul/2019/submissao/files_I/i5-0835cda12a9792564cef6a42fd641bda. pdf](https://www.anpec.org.br/sul/2019/submissao/files_I/i5-0835cda12a9792564cef6a42fd641bda.pdf)> Acesso em**, v. 3, 2019.

CASTRO, Thales. **Teoria das relações internacionais**. Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

Chernavsky, E. e Leão, R. P. F. 2011. **As transformações estruturais do comércio exterior chinês**. Brasília: Comunicados do IPEA, no. 97.

DA SILVA, Fabricio Pereira. COOPERAÇÃO SUL-SUL. **Problemáticas internacionales y mundiales desde el pensamiento latinoamericano Teorías, Escuelas, Conceptos, Doctrinas, Figuras**, p. 89.

DE ALMEIDA SANTOS, Ester Pereira. A Ameaça da China: **Por que a inserção econômica internacional chinesa é vista como uma ameaça pelos Estados Unidos?** Ziz-Revista Discente de Ciência Política, v. 1, n. 2, p. 19-46, 2022.

ESCODÉ, Carlos. A GRANDE ESTRATÉGIA ARGENTINA NOS TEMPOS DA TRANSIÇÃO HEGEMÓNICA: CHINA, REALISMO PREFIFÉRICO E IMPORTAÇÕES MILITARES. **Revista De Relaciones Internacionales, Estrategia Y Seguridad**, v. 10, n. 1, p. 21-39, 2015.

FEDDERSEN, Gustavo Henrique. A Evolução Estratégica e Doutrinária da China no pós-Guerra Fria: da dissuasão à preempção. **VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais, Belo Horizonte**, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GONÇALVES, Williams; BRITO, Lana Bauab. Relações Brasil-China: uma parceria estratégica? **Século XXI**, v. 1, n. 1, p. 11-28, 2011.

GONÇALVES, Williams; TEIXEIRA, Tatiana. Considerações sobre a política externa brasileira no governo Bolsonaro e as relações EUA-Brasil. **Sul Global**, v. 1, n. 1, p. 192-211, 2020.

GROSSKLAUS, Gabriela et al. **A guerra comercial entre China e Estados Unidos: a influência do Congresso Nacional nas medidas adotadas por Trump (2017-2020)**. 2022.

JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. **China: o socialismo do século XXI**. Boitempo Editorial, 2021.

LYNCH, David; PAQUETTE Danielle; RAUHALA Emily. **U.S. levies tariffs on \$34 billion worth of Chinese imports**. The Washington Post, 2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/world/trumps-trade-war-with-china-is-finally-here--and-it-wont-be-pretty/2018/07/05/0e43048c-802c-11e8-b9f0-61b08cdd0ea1_story.html>. Acesso em: 25/10/2022.

MATTOO, Aadithya; STAIGER, Robert W. Understanding trade wars. **Trade war: the clash of economic systems endangering global prosperity**. CEPR Press, London, p. 33-42, 2019.

MILANI, Carlos Roberto Sanchez. A importância das relações Brasil-Estados Unidos na política externa brasileira. 2011.

MORENO, Camila. **O Brasil made in China: para pensar as reconfigurações do capitalismo contemporâneo**. Fundação Rosa Luxemburgo, 2015.

MORGENTHAU, Hans Joachim. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Editora Universidade de Brasília, 2003.

NOZAKI, William Vella; LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira; MARTINS, Aline Regina Alves. A ascensão chinesa e a nova geopolítica e geoeconomia das relações sino-russas. **A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, p. 195-234, 2011.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 47, p. 7-30, 2004.

PAUTASSO, Diego et al. As três dimensões da guerra comercial entre China e EUA. **Carta Internacional**, v. 16, n. 2, p. e1122-e1122, 2021.

PORTO, Arthur Peixoto Alves. **A INFLEXÃO COMPORTAMENTAL E A POSSIBILIDADE DE CONFLITO NAS RELAÇÕES ENTRE A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA E OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NO MAR DO SUL DA CHINA SOB A ÓTICA DO NEORREALISMO OFENSIVO.** *Portal de Trabalhos Acadêmicos*, 2020, 7.2.

SILVA, André Luiz Reis da; SPOHR, Alexandre Piffero. Os percalços ao diálogo estratégico: as relações entre o Brasil e os Estados Unidos desde 2003. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD. Dourados, MS. Vol. 4, n. 7 (jan./jun. 2015), p. 69-91, 2015.**

Targino, Bruna Machado. **Competição ou cooperação: uma análise sobre as relações bilaterais entre China e Estados Unidos da adesão à OMC até a guerra comercial de 2017.** Diss. 2021.

VIDIGAL, Carlos Eduardo. Bolsonaro e a reorientação da política exterior brasileira. **Meridiano 47-Journal of Global Studies**, v. 20, 2019.

Wong, D. e Koty A. C. 2018. **The US-China Trade War: A Timeline.** China Briefing, 25 de agosto. Disponível em: <https://www.china-briefing.com/news/the-us-china-trade-war-a-timeline/>